

## MEMÓRIA CAMPINEIRA (39)

### O PITORESCO NA IMPRENSA CAMPINEIRA

Benedito Barbosa PUPO

Há muito venho pensando na possibilidade de se fazerem estudos sistemáticos do jornalismo em Campinas, sob um aspecto mais interpretativo do que o simples inventário dos órgãos que aqui circularam, a partir da “Aurora Campineira”. Meu pensamento é que se façam monografias abordando aspectos e vultos do jornalismo local, para que conheçamos as facetas de nossos jornalistas do passado e os programas editoriais de cada órgão, diário ou não, e revistas.

O pitoresco, o humor contido na nossa Imprensa do passado, é bem digno de um extenso capítulo, quiza de todo um livro, onde se inventariassem os ditos humorísticos de nossa gente, que se valia da palavra ou do desenho para demonstrar sua verve. Conheço muitos dos magníficos produtos de nossos homens de imprensa, por leitura de velhos jornais ou revistas, ou por ouvir de pessoas que viveram à época ou ouviram de outrem as tiradas humorísticas.

Um exemplo, que reputo como sendo uma verdadeira jóia, é o do calembur ou trocadilho atribuído a um jornalista, no tempo em que a falta de água constituía sério problema para o campineiro.

O jornal fazia campanha contra a Companhia Campineira de Águas e Esgotos (posteriormente encampada pela Prefeitura), responsável pelo abastecimento de água da cidade. Em dado momento, para justificar a escassez do “precioso líquido”, o presidente da companhia declarou que a água de Campinas era muito boa e que as donas-de-casa se serviam dela para lavar pratos, roupa, assoalho e janelas. No dia seguinte, veio a resposta do jornalista, que reproduzo como me foi contado: “Sim. De fato. A água de Campinas é muito boa. Ela serve para lavar a roupa, os assoalhos, a louça e as janelas, mas não abunda...”

O primeiro de maio de 1921 foi um dia histórico para Campinas, por três eventos aqui ocorridos. Naquele dia do outono campineiro, o presidente de

Estado, Washington Luís, inaugurou a primeira estrada de rodagem, ainda não pavimentada, ligando Campinas a São Paulo. Os automóveis de capota conversível, obrigavam os usuários a usarem capas especiais contra o pó, óculos também especiais para vedarem a chegada da poeira nos olhos pelos lados e capacetes de couro. Foi assim, que desembarcaram na "Via Vita", no confinamento dos bairros da Vila Industrial e Ponte Preta, o Presidente e sua comitiva. Os outros dois eventos foram relevantes na vida cultural da cidade: o lançamento do primeiro número da "Gazeta de Campinas" e da revista "A Onda". O diário, então lançado, órgão oficial do Partido Republicano Paulista, circulou até 24 de outubro de 1930, dia em que foi empastelado, em consequência da deposição de Washington Luís, da Presidência da República, para a ascensão de Getúlio Vargas, que iniciou então o período ditatorial.

Não pretendo aqui, na exiguidade do espaço que se me oferece, tratar em extensão e profundidade sobre o assunto do humorismo em Campinas, genericamente, mas apenas focalizar a fase "ondeante", ou da trocadilhomania, ou melhor, a fase da revista "A ONDA", que circulou de 1921 até fins de 1924. Principalmente, a primeira fase daquela revista, na gestão do humorista Vitor Caruso e do caricaturista Manolo Romano, será o alvo de minhas considerações, pois a seguir, a revista, com Hildebrando Siqueira, ganhou outra feição, tendendo para a literatura modernista, passando o trocadilho a ser um subproduto.

Tive em mãos, cedidos para consulta pelo bibliófilo campineiro João Fachi Trinca, também cultor do trocadilho, trinta e dois números de "A ONDA", posteriormente doados ao Centro de Memória da UNICAMP, dos quase setenta publicados, sendo que os vinte e dois números da primeira fase, encadernados, me forneceram exemplos, que cito aqui. Naquela primeira fase, em que pontificavam nas páginas de "A ONDA": Victor Caruso e Manolo Romano, a revista, com desenhos, ou sem, apresentava verdadeiras jóias, dignas de figurarem numa antologia de humorismo. Usando e abusando de alusões, a revista apresentava casos que não seriam entendidos pela gente campineira de hoje, o que acontecia também com muitas pessoas da época, já que era preciso ter-se conhecimento prévio do motivo da alusão. Poderíamos dizer que era "um humorismo doméstico", para um pequeno universo, porque restrito para uns tantos eleitos... Dois exemplos publicados no número 7, do Ano I (14 de agosto de 1921), ilustra bem minha afirmação. Com o título de "Epitáfios", de alguém com o pseudônimo de "Nhô-Zé", temos estas duas quadras:

OTONIEL MOTA

Se achando dentro da cova,

Corrigiu ainda esta vez:

- No começo desta trova

Errou-se no Português

GUSTAVO ENGE

Quando o estavam a enterrar

Teve esta idéia instantânea

Dest'arte vou estudar

Geografia subterrânea

Para que se entendam essas duas trovas, mister se faz que se conheçam estes fatos, aos quais elas fazem alusão: Otoniel e Enge eram professores (lentes) do então "Ginásio do Estado de Campinas", atualmente "Culto à Ciência". O primeiro, autor de vários livros sobre a Língua Portuguesa, foi adepto da análise lógica por meio de diagramas. Intransigente com seus alunos no emprêgo da próclise, mesóclise e ênclise, Otoniel não admitia o início da oração com o pronome oblíquo. O segundo, Gustavo Enge, pioneiro da Geografia Científica no Brasil, tinha notáveis estudos sobre a matéria. Enge, sueco, conservava o sotaque característico de sua origem. Tinha ele um cacete, pois empregava constantemente a expressão "dest'arte", muito pitoresca ao falar o Português com o sotaque carregado de estrangeiro. Dest'Arte devia significar para ele, "de modo que", ou "assim sendo".

Já vimos alguns aspectos da primeira fase daquela revista. Embora naquela fase o forte da revista fossem os trocadilhos, nem só destes jogos de espírito vivia ela. Ao lado de mais alguns exemplos de trocadilhos, apresento também outras provas do humor campineiro. Antes, porém, quero oferecer aos leitores, mais alguns trocadilhos, colhidos, na revista, a começar pela conversa entre o professor Artur Segurado e o lente de Grego do Ginásio do Estado de Campinas, professor Vogel.

"Interessante: a cozinheira de casa é minha colega.

- Sua colega?

- Sim senhor - explica o Vogel -, eu sou lente ela é lenta".

Um outro trocadilho atribuído pela revista ao então Prefeito Orozimbo Maia, proprietário da Fazenda Cachoeira em Valinhos, onde há a Fonte Sônia de água-radiativa, refere-se à conversa do fazendeiro com Washington Luís, Presidente do Estado. O trocadilho alude à classificação das águas medicinais. Dizia o Sr. Orozimbo: "A água aqui é abundante. Mas a gente quer ter mais".

Guiomar Novais, a grande pianista brasileira, era um ídolo em Campinas, como era, em todas as grandes cidades em que se apresentava.

A pianolatria - expressão feliz de Mário de Andrade para designar a mania do brasileiro pelo piano - imperava em Campinas. "A ONDA" atribuiu ao

Dr. Jaime de Castro Barbosa, que tinha uma vizinha que martelava o dia todo em seu piano, esta quadra:

“De chem-que-chem não sais  
 Martelando noite e dia  
 Deixa o piano, que mania  
 Pois tu, a Guiomar não vais...”

Vale a pena conhecerem-se exemplos do humor campineiro fora do campo do trocadilho. “A ONDA” foi muito rica desses exemplos. Já que foi feita referência à pianolatria ou pianomania de nossa gente, leia-se esta preciosidade, em forma de anúncio, engastada numa das páginas do número 11, Ano 2, de 29 de outubro de 1922: “Aluga-se uma casa à rua X, nº 24. Não tem (sic) piano na vizinhança”.

Na excelente revista - Notícia Bibliográfica e Histórica -, que Odilon Nogueira de Matos edita na PUCCAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, publiquei no número de outubro-dezembro de 1982, o artigo “Alguns aspectos da vida cultural em Campinas no início doséculo”. É desse artigo, o trecho que transcrevo para mostrar as várias facetas de Vitor Caruso, que não se limitava ao trocadilho: “Mestre do trocadilho, Caruso não ficava, no campo do humor, nesse setor. Seus versos humorísticos nos quais figuravam traduções de Trilussa, são citados por vários autores de coletâneas”.

Sobre esse co-fundador de “A ONDA”, Duilio Battistoni Filho escreveu em seu livro *A Vida Cultural em Campinas nos Anos 20*, o seguinte: “Figura inigualável nesta revista foi Vitor Caruso (1888-1967), poeta humorístico, dotado desde cedo de uma verve irresistível e mestre do trocadilho. A sua contribuição foi enorme no que tange a quebrar com aquela sociedade sisuda da época, ao levar a alegria e o bom humor aos lares campineiros”.

Vão a seguir alguns alessões à inauguração da estrada de rodagem, ligando São Paulo à Campinas, colhidas no número de lançamento de “A ONDA”. Leia-se estas notas assinadas pelo “Dr. Sereia”:

a) - “Chegarão de São Paulo, hoje, em corrida inaugural da Estrada de Rodagem, cerca de 500 autos.

Os nossos juizes de Direito vão ver-se em apuros para despachar tantos autos”.

b) - “O crítico Osório Duque Estrada não foi convidado para assistir à inauguração da Estrada de Rodagem. Muito bem”

c) - “Durante a viagem os excursionistas virão lendo o livro *Poeira*, de Humberto de Campos”.

No já citado número 11, do Ano II, encontra-se esta piada:

“Um recém-casado, em companhia do qual a sogra vai passar uma temporada, é acometido de loucura.

O Dr. Tepedino, que lá estivera na véspera, pergunta:

- “Ele não teve um momento de lucidez?”

- Sim - diz a sogra - falou que eu era uma jararaca e que eu fosse para o inferno.

E o médico distraído.

- Ah! Vai bem, já começa a reconhecer as pessoas...”

O assunto, creio, é digno de atenção por parte de quem se interessa pela História de Campinas, nos seus vários aspectos: sociais, religiosos, culturais, políticos, administrativos e econômicos. Com esta minha modesta contribuição, espero que outros realizem obra de mais fôlego sobre a cultura campineira.